



MARRETA

LIGA
OPERÁRIA

Filiado a Federação dos Trabalhadores na Indústria da Construção e Mobiliário de Minas Gerais - FETICOM-MG

Informativo Oficial do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de Belo Horizonte, Lagoa Santa, Nova Lima, Raposos, Ribeirão das Neves, Sabará e Sete Lagoas - Tel: (31) 3449.6100 - Rua Além Paraíba, 425 - Lagoinha - BH - www.sticbh.org.br / twitter.com/sticbh

18/07/2012

Marreta arrebenta cativeiros e desmascara crimes das construtoras



“Alojamento” do Mineirão mais parece as senzalas que eram destinadas aos escravos

Apurando uma série de denúncias de irregularidades nos canteiros de obras, o Marreta organizou, com o apoio dos companheiros da Liga Operária, uma série de ações “arrebenta cativoiro”.

Foram detectados inúmeros crimes trabalhistas cometidos pelas construtoras: alojamentos degradantes, crimes trabalhistas de todo



Operação “arrebenta cativoiro”: diretores do MARRETA distribuíram a convenção coletiva e esclareceram os trabalhadores sobre os seus direitos

tipo: operários trabalhando sem carteira assinada, péssima alimentação, péssimas condições e falta de segurança do trabalho, etc.

Dezenas operários trazidos da Bahia e outras localidades, aliciados por gatos, foram libertados e tiveram seus acertos garantidos após a intervenção do Sindicato.

Construtoras criminosas utilizam gatos e terceirizações para cometer crimes trabalhistas

Durante as operações “arrebenta cativoiro”, diretores do Sindicato e membros da Liga Operária foram até os canteiros de obras e alojamentos.

Realizamos reuniões e assembleias com os trabalhadores, tiramos fotos e registramos os crimes trabalhistas das construtoras. Denunciamos os gatos Romildo, Ramalho, e outros, descobrimos trabalhadores acidentados escondidos pelas empresas nos alojamentos e até mortes de trabalhadores abafadas pelas construtoras. Descobrimos alojamentos degradantes com operários sem cama e colchões, sem alimentação, sem chuveiro, sem água potável e sem as mínimas condições de higiene, entre outros graves problemas.

As operações “arrebenta cativoiro” também comprovaram que os gatos e subempreiteiras terceirizadas estão agindo juntamente com as construtoras cometendo crime de tráfico de pessoas, aliciando trabalhadores no interior do estado e em outros estados, como a Bahia, com promessas de salário e alojamentos e explorando esses trabalhadores como escravos, sem pagar salários e direitos trabalhistas, sem assinar a carteira. Vários companheiros operários estão doentes, endividados, em verdadeiros cativeiros, sem condições de voltar para casa, com suas famílias passando necessidades.

Em algumas obras, como a sob responsabilidade da Camargo Corrêa no Buritis, foi deflagrada uma vitoriosa greve no dia 1º de junho contra o trabalho escravo e os patrões foram obrigados a fazer os acertos dos trabalhadores.

O MARRETA auxiliou dezenas de companheiros que se encontravam nessa situação degradante a se libertarem e fez denúncias ao Ministério Público do Trabalho. Através de muita luta e mobilização, obrigamos as construtoras criminosas a fazerem os acertos e pagarem, inclusive, as passagens de volta

desses companheiros para as suas cidades de origem.

A cada obra e alojamento que visitamos, mais e mais crimes das construtoras são descobertos. O MARRETA seguirá organizando, junto com a Liga Operária e outros sindicatos ligados à Federação dos Trabalhadores da Construção de MG, as operações “arrebenta cativoiro”.

Pedimos aos companheiros que conhecerem mais obras em que atuem gatos, em que ocorram as criminosas terceirizações, tão lesivas aos trabalhadores, e onde os direitos dos operários sejam desrespeitados, que entrem em contato com o MARRETA, denunciem!

Organizem-se, parem os canteiros de obras e façam greve até os direitos dos trabalhadores sejam cumpridos!



Construtoras são as culpadas pelo morticínio nos canteiros de obras

Alguns resultados das operações “arrebenta cativoiro”

Obras na Pampulha e em Sete Lagoas

No final de maio, 26 operários trazidos por gatos da cidade de Serrinha, interior da Bahia, foram encontrados trabalhando em condições degradantes na construção de luxuosas concessionárias de automóveis. As obras são tocadas pela Construtora Tempo que sub-empregou para as gatas “GRM Construtora Ltda.” e “Construtora Romeu e Silva”, dos irmãos Roberto, Renato e Ramalho. Os gatos buscam os trabalhadores na Bahia cobram passagem, aluguel dos péssimos alojamentos, não forneciam comida e os patrões obrigavam os operários dormir no chão e cometiam mais uma série de irregularidades.

O MARRETA acionou a fiscalização do Ministério do Trabalho e os operários resgatados foram para um hotel. No final de junho, os contratantes tiveram que arcar com os custos das passagens dos trabalhadores de volta para a Bahia e com o hotel.



Alojamento dos operários aliciados na Bahia: sem camas, péssima alimentação, cozinha improvisada e precária.

Cativeiro e crimes trabalhistas na obra do Mineirão

Em junho também foi comprovado que a construtora Temon, responsável pela obra do Mineirão, faz aliciamento de operários em Paulo Afonso - Bahia – e pratica o crime de tráfico de pessoas.

O Endereço dos cativoiros mantidos pela Temon são: Rua Zaire, 223 e Rua Kênia, 71 – Bairro Canãa.

Os operários aliciados pela Temon em Paulo Afonso eram mantidos em péssimos alojamentos, sem água potável, sem alimentação adequada, com as carteiras retidas, obrigados a fornecer comprovante de endereço como sendo de Belo Horizonte e endividados pelos custos da passagem e aluguel do barracão-cativoiro. Também havia um trabalhador acidentado, com perna quebrada, jogado no alojamento pela construtora sem possuir sequer registro profissional.

Os operários resgatados foram transferidos para um hotel. Após decisão do Ministério do Trabalho e Emprego, a Temon foi obrigada a fazer o acerto desses trabalhadores, arcar com os custos do hotel e das suas passagens de volta para Paulo Afonso.

Ainda há várias denúncias de cativoiros nos alojamentos dos operários do Mineirão, muitos desses alojamentos ainda são desconhecidos, pois há vários espalhados pela cidade. Recentemente recebemos também denúncias de que no alojamento do Mineirinho estão amontoados inúmeros trabalhadores, em

condições precárias.

Conclamamos aos companheiros operários que denunciem, forneçam fotos e os endereços desses alojamentos para que a operação “arrebenta cativoiro” vá até lá e tome providências contra essas construtoras criminosas.



Operários aliciados pela Temon dormiam no chão em alojamento precário

Tráfico de pessoas na Camargo Corrêa, Patrimar, Masb e Tecco

Greve contra condições degradantes

No dia 1º de junho, os operários da Camargo Corrêa que trabalham na obra do “Acquaclub”, no Estrela Dalva/Buritit, entraram em greve denunciando as péssimas condições de trabalho e dos alojamentos.

Esses operários foram, em sua maioria, aliciados na Bahia (cidades de Araci/Serrinha/Coité/Euclides da Cunha).

Mais de 25 “gatos”/subempreiteiras atuam nesta obra prestando serviço para as grandes construtoras Tecco/Camargo Corrêa e que submetem os operários a trabalho escravo e alojamento em situação desumana.

Muitos trabalhadores não tinham sequer a carteira de trabalho assinada, não batiam ponto, não recebiam os direitos constantes na Convenção Coletiva de Trabalho, como cesta básica, hora extra 100%, kit higiene, etc. Os trabalhadores denunciaram que uma pilha de carteiras de trabalho de operários que já foram demitidos e mandados de volta para a Bahia encontra-se na casa do empreiteiro Marcos Romildo Oliveira – construtora Mudar – “gato” da Camargo Corrêa/Tecco Engenharia.

Trabalhadores resgatados

Oitenta trabalhadores foram resgatados nessas obras por ser constatado que eram submetidos condições degradantes de trabalho. Eles ficaram hospedados em hotel até o caso ser julgado e receberam total suporte do MARRETA, que prestou toda assistência aos operários, inclusive



garantindo assistência médica aos trabalhadores acidentados e adoentados.

Após audiência no Ministério Público do Trabalho, as empreiteiras foram obrigadas a fazer os acertos e cumprir com todos os direitos trabalhistas dos operários, arcar com os custos do hotel e com as passagens de volta de todos os trabalhadores aliciados para as suas casas.



Greve na Camargo Corrêa: operação arrebenta cativoiro libertou 80 trabalhadores

Opressão leva a morte de trabalhador

Com a greve de 1º de junho na Camargo Corrêa, foi descoberto que, no dia 12 de fevereiro, o operário Marcelo Silveira da Silva, natural da cidade de Coité, na Bahia, foi encontrado morto dentro da obra. A empresa abafou o caso e noticiou a morte de Marcelo com sendo “suicídio”.

Mesmo que o companheiro tenha tirado a própria vida, isso ocorreu devido a situação de exploração e opressão que ele vivia. Pouco antes de morrer, Marcelo havia sido demitido. Ele estava na mão de um gato que não pagava seu salário e seus direitos. Marcelo é mais uma vítima assassinada pela ganância, pelas condições degradantes de trabalho e pela superexploração. Como ele, existem centenas e milhares de operários em todo o Brasil.



Exigimos a apuração desse caso e punição para os responsáveis pela situação que levaram à morte do companheiro Marcelo!

Schahin Engenharia: Irregularidades e precariedade

Os operários das obras do Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica (Ciaar) denunciam a precariedade e as más condições de trabalho impostas pela Schahin Engenharia.

Não há máquinas e equipamentos adequados para executar a obra, a alimentação é péssima, os trabalhadores não recebem seus direitos trabalhistas.

A desorganização é geral. Os trabalhadores têm que fazer o transporte de materiais no braço. Há um número enorme de empreiteiras atuando na obra e é grande o número de operários vindos de outros estados que estão alojados em Pedro Leopoldo. As terceirizadas não pagam devidamente os vencimentos e os direitos trabalhistas e os trabalhadores de outros estados não têm como retornar para as suas casas.

O Ciaar está orçado em R\$ 216,4 milhões e o Tribunal de Contas da União encontrou indícios de superfaturamento de R\$ 17 milhões nessa obra. A Schahin, essa construtora que se recusa a cumprir a lei e os direitos dos trabalhadores, é uma empresa milionária e foi responsável por grandes obras como o Hospital Sírio Libanês em São Paulo, e o Shopping Diamond Mall, em Belo Horizonte.



Greve na Shahin contra as péssimas condições de trabalho

Minha Casa, Minha Vida

Irregularidades e crimes trabalhistas em obra do PAC

No final de maio desse ano foi detectada uma obra do Minha Casa, Minha Vida na região Nordeste de Belo Horizonte, no bairro Jardim Vitória, sob a responsabilidade da construtora Encamp, em que os operários foram encontrados trabalhando sem equipamentos básicos de segurança, como capacete e luvas. Matéria publicada no jornal O Tempo repercutiu a denúncia de um servente de pedreiro de que “a empresa usa água de um córrego poluído por esgoto para preparar massa de cimento” e que os operários são obrigados a usar um “banheiro precário, feito de madeira” e que havia dias em que “não tem água para dar descarga”.

O programa Minha Casa, Minha Vida, obra do PAC, do governo federal, programa fartamente utilizado pelos governos de Lula e Dilma para campanha eleitoral, é palco de crimes trabalhistas e desrespeito ao trabalhador.

Em novembro do ano passado, auditores do Ministério do Trabalho encontraram, em Divinópolis, região Oeste de MG, 56 operários de um dos empreendimentos do Minha Casa, Minha Vida morando em um motel abandonado, sem as mínimas condições de higiene ou conforto. Os operários dessa obra chegavam a usar tijolos como travesseiros.

Outro caso, registrado no início de maio desse ano, em Fernandópolis, interior de São Paulo, foi ainda mais grave: agentes fiscais do Ministério Público do Trabalho constataram que 90 trabalhadores submetidos a trabalho escravo, com jornadas de trabalho de mais de 15 horas por dia, sem receber o valor integral do salário. Imagens feitas pelos próprios operários, divulgadas em várias emissoras de TV, mostraram a agonia e morte do operário Antônio Marcos Ferreira Silva, que se deslocava sob sol escaldante para receber o seu pagamento quando sofreu um infante.



NR 24 : patrões são obrigados a cumprir em todas as obras

A NR24, portaria publicada em junho de 1978 e atualizada em setembro de 1993 determina uma série de normas obrigatórias para os patrões que devem ser cumpridas em todos os canteiros de obras. Ela determina como devem ser as instalações como banheiros, alojamentos, qualidade da água, etc. São normas diretamente voltadas para proporcionar condições dignas de trabalho para os operários, mas que são descaradamente e criminosamente descumpridas pelos patrões. Todo operário da construção deve conhecer os itens da NR24 e exigir seu integral cumprimento.

Veja alguns pontos:

Há uma série de normas que determinam que deve haver banheiros separados por sexo, com metragem adequada, que devem ser limpos constantemente e não podem apresentar mau cheiro, que os vasos devem ser de materiais de qualidade e devem dispor de caixa de descarga automática, etc.

Deve haver, por exemplo, um lavatório para cada 10 trabalhadores da obra com material para limpeza e para secagem das mãos e ainda é proibido o uso de toalhas coletivas. Existem normas até mesmo para o tipo de paredes desses locais e seu revestimento, para a limpeza dos pisos, o tipo de telhas, a iluminação, etc.

Existem também regras para vestiários, refeitórios, alojamentos etc.

O Marreta recebe inúmeras denúncias que são prova de que os patrões não cumprem praticamente nenhuma das normas e a orientação do sindicato para esses casos é parar tudo. É greve em defesa dos nossos direitos!

Os patrões não fazem favor nenhum oferecendo instalações e condições dignas de trabalho para os operários de uma obra, a NR24 é lei e tem que ser cumprida.

Conheça seus direitos, se a sua obra não apresentar condições dignas de trabalho, entre em contato com o sindicato. Organize-se e lute!

Grupo Rainha do Mel Uma importante iniciativa

O MARRETA e a Federação dos Trabalhadores da Construção de MG apoiam o **Grupo de Produção Rainha do Mel**, de Pedras de Maria da Cruz, no norte de Minas. Os camponeses do Grupo Rainha do Mel produzem mel de qualidade e, através do trabalho coletivo, tem melhorado e aumentado a produção. Essa iniciativa é um grande exemplo de como, através da luta, da persistência e do trabalho coletivo, quando o camponês se livra das amarras do latifúndio, ele é capaz de produzir e desenvolver.



Viva a aliança operário-camponesa!

Programa Tribuna do Trabalhador agora aos SÁBADOS

O programa Tribuna do Trabalhador agora é aos sábados no mesmo horário que era realizado aos domingos de 8 às 10 horas da manhã.

Contamos com a audiência e participação de todos os companheiros e companheiras!



Rádio Favela 106,7 FM

**Ligue e participe:
3282.1045
3282.0054**

Todo apoio à luta dos operários de Jirau

Apoiamos incondicionalmente a luta dos operários da usina hidrelétrica de Jirau, em Rondônia, contra as péssimas condições de trabalho, por salários dignos e pelos legítimos direitos negados e atacados pelo Consórcio Energia Sustentável do Brasil, composto pela Camargo Corrêa e outras empreiteiras.

Desde a última greve, deflagrada em março, os trabalhadores de Jirau sofrem toda forma de repressão policial-militar no canteiro de obras. Operários grevistas, foram brutalmente reprimidos, presos e torturados.

A Força Nacional e a polícia militar invadiram e ocupam até hoje o canteiro de obras e o dia a dia dos operários é de exploração e repressão. Dentro do canteiro de obras existe uma cela de tortura feita com vergalhões onde os operários são presos e torturados pelo simples fato de lutarem e defenderem os seus direitos.

Durante a greve, 24 operários receberam ordem de prisão e vários foram presos de forma arbitrária no presídio Pandinha, anexo do Urso Branco, onde sofreram torturas e humilhações. Desde então, 12 trabalhadores estão desaparecidos, não são localizados nem nos presídios, nem na obra, nem em suas cidades de origem.

Os operários Jhonata Lima Carvalho (“Mamão”) e Carlos Moisés Maia da Silva estão arbitrariamente presos no presídio Pandinha, desde 4 de abril de 2012, em condições degradantes.

Raimundo Braga da Cruz Souza, outro companheiro de Jirau que também esteve preso por mais de 50 dias, sofreu torturas e humilhações. Após ser libertado, ele veio até em Belo Horizonte e participou de entrevistas e debates juntamente com o MARRETA, a Liga Operária e outras organizações sindicais e populares. O MARRETA colaborou para que o companheiro Raimundo

pudesse viajar e denunciar tudo o que ele e os demais operários de Jirau sofreram e sofrem. Ele também esteve em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Goiânia participando de audiências e atividades com trabalhadores, denunciando os maus tratos, a tortura, a perseguição e prisão de operários. Ele denunciou toda essa situação, inclusive, na Comissão de Direitos Humanos da Câmara, em Brasília e outros órgãos. Assim, a grave situação dos trabalhadores de Jirau passou a ser conhecida por milhões de brasileiros.

Organizamos uma campanha de solidariedade com abaixo-assinados e atos com a finalidade de divulgar a situação dos operários e angariar recursos para garantir a defesa, o envio de materiais de higiene pessoal, alimentação, etc., para os companheiros presos.

O MARRETA manifesta toda a sua indignação e protesto contra as péssimas condições de trabalho, contra a repressão e a presença policial no canteiro de obras de Jirau. Denunciamos a instalação de uma delegacia no canteiro de obras para reprimir e encarcerar operários. Apoiamos toda e qualquer revolta contra as péssimas condições de trabalho, contra os crimes trabalhistas das empreiteiras, contra a repressão policial, enfim, contra a exploração e a opressão dos trabalhadores.



Raimundo Braga da Cruz Souza, operário da Hidrelétrica de Jirau

Lucro das construtoras a custo do sangue operário



Pedro Nicolau Vieira, servente de pedreiro, natural de Coroaci MG, morreu no dia 27 de junho, depois de cair de uma altura de 22 metros.

O acidente ocorreu logo após ele subir para começar a trabalhar. Ele prestava serviço para a empreiteira Sengel, na obra do prédio da Secretaria de Estado de Transporte e Obras Públicas.

Nos últimos anos Belo Horizonte e região metropolitana se transformaram em um gigantesco canteiro de obras. Milhares de operários trabalham dia e noite e o clima é de euforia entre as grandes construtoras que nunca lucraram tanto. Mas a classe operária tem pagado um altíssimo preço por isso. Centenas de trabalhadores já foram seriamente feridos e mutilados. Verdadeiros assassinatos, disfarçados de “acidentes de trabalho”, foram cometidos pela ganância e descaso patronal, que impõe jornadas de trabalho desumanas e não oferece condições mínimas de segurança.

Segundo números apresentados pelo vice-coordenador nacional da Defesa do Meio Ambiente do Trabalho, Everson Rossi, de cada dez obras da construção civil em Minas Gerais, sete oferecem algum tipo de risco aos operários e pelo menos um trabalhador morre nos canteiros de obras de Minas por semana.

O Marreta contabilizou, em 2010, 5.500 acidentes nos canteiros de obras de BH e região metropolitana e 56 acidentes fatais em todo o estado e, desses, 26 ocorreram na região metropolitana. Em 2011, 48 desses “acidentes” resultaram na morte de operários no estado, e desses, 21 ocorreram na Região Metropolitana de Belo Horizonte. E esses números são ainda maiores, pois é grande o número de casos de operários acidentados que são levados aos hospitais, vêm a falecer, e acabam

ficando fora dessa terrível estatística.

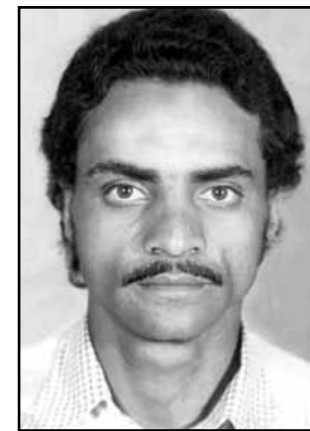
Além disso, quando ocorre um caso fatal ou um acidente grave nas obras, a primeira medida da patronal é colocar a culpa no trabalhador, acusando-o de “não utilizar adequadamente os equipamentos de segurança”. Canalias!

Essa situação tem que acabar e só poderá mudar quando os trabalhadores se organizarem e lutarem contra o descumprimento das normas de segurança do trabalho por parte da classe patronal, que não fornece ou fornece parcialmente os devidos equipamentos, impõe jornadas extenuantes, colocando em risco a vida dos trabalhadores.

As construtoras exigem produção acelerada, não adotam as devidas medidas coletivas e individuais de proteção, não dão treinamento adequado aos operários e os expõem a situações de altíssimo risco, sem se preocuparem com as condições físicas e/ou mentais dos trabalhadores. As construtoras gananciosas se preocupam apenas com metas, cronogramas e seus superlucros obtidos a custa do suor, do sofrimento e do sangue dos operários.

No primeiro semestre de 2012, já foram registradas pelo menos 15 mortes de operários nos canteiros de obras de BH e região. Até o início do mês de julho, mais de 30 trabalhadores já haviam sofrido “acidentes” fatais causados pelo descaso e ganância patronal no estado de Minas Gerais.

30 de julho: o dia dos operários da construção



No dia 30 de julho, celebramos o **DIA DOS OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO DE BELO HORIZONTE**. Esta data resgata a histórica greve dos operários da construção de 1979 e o martírio do companheiro tratorista **OROCÍLIO MARTINS GONÇALVES**, covardemente assassinado pelas tropas da polícia militar, então comandadas pelo governador Francelino Pereira, durante o regime militar-fascista. O assassinato do companheiro OROCÍLIO, alvejado covardemente por um tiro no peito, disparado em plena avenida Olegário Maciel, em frente ao ex-campo do Atlético (atual shopping Diamond Mall) foi cometido com o objetivo de intimidar o movimento operário e acabar com a greve.

Ao contrário do que o Estado reacionário e os patrões esperavam, o assassinato do companheiro Orocílio aumentou a combatividade dos operários grevistas que mantiveram a luta e mostraram a força e a revolta de nossa classe. Relembramos que esta paralisação foi pioneira na resposta aos anos e anos de opressão e exploração do truculento regime militar e contribuiu para sua derrocada.

Reverenciamos, nessa data, o mártir **OROCÍLIO MARTINS GONÇALVES**, o companheiro tratorista que tombou lutando em defesa da classe, por melhores condições de vida e de trabalho.

Companheiro Orocílio: Presente!

Viva a luta Classista e Combativa!